

CONHECIMENTO, DOMINAÇÃO E O ESTRANHO: A EPISTEMOLOGIA BIZARRA DE “ANIQUILAÇÃO”, DE JEFF VANDERMEER

Jade Bueno Arbo¹

Resumo

O presente artigo busca aproximar-se das questões epistemológicas articuladas pelo romance “Aniquilação”, de Jeff VanderMeer (2014), tendo em vista o caráter experimental da *weird literature* e a natureza interdisciplinar da ficção científica. Discutiremos, neste trabalho, de que forma o primeiro romance da trilogia “Comando Sul” ecoa discussões e conceitos da epistemologia e filosofia da ciência, acessando, através de uma abordagem interdisciplinar, a maneira pela qual “Aniquilação” causa um efeito epistemológico próprio da *weird fiction*, o qual chamamos de “epistemologia bizarra”. Esperamos demonstrar assim que, quando VanderMeer nos confronta com o desejo de dominação envolvido nas formas ocidentais de conhecer e reconhecer o mundo, ele nos torna mais capazes de reinventar a maneira como nos relacionamos com aquilo que não podemos compreender.

Palavras-chave: Ficção Científica, weird fiction, epistemologia, interdisciplinaridade

KNOWLEDGE, DOMINATION, AND THE WEIRD: THE BIZARRE EPISTEMOLOGY JEFF VANDERMEER’S “ANNIHILATION”

Abstract

The purpose of this article is to delve into the epistemological questions posed by Jeff VanderMeer's novel “Annihilation” (2014), considering the experimental nature of weird literature and the interdisciplinary essence of science fiction. We will discuss the ways in which the first book of the “Southern Reach” trilogy resonates with discussions and concepts from epistemology and philosophy of science. Through an interdisciplinary approach, we will explore the manner in which “Annihilation” produces a unique epistemological effect inherent to weird fiction, which we term “bizarre epistemology”. We hope to demonstrate that when VanderMeer confronts us with the desire for domination inherent in our ways of knowing and recognizing the world, he empowers us to reinvent the ways in which we engage with what we cannot comprehend.

Keywords: Science Fiction, weird fiction, epistemology, interdisciplinarity

¹ Doutoranda em Letras – Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestra em Filosofia e Bacharela em Letras pela mesma instituição. Bolsista CAPES/DS. E-mail: jade.arbo@ufpel.edu.br.



Aniquilação, de Jeff VanderMeer, inicia com a descrição de um objeto que não deveria estar onde está. A bióloga, nossa personagem narradora, chama-o de “torre”. Suas companheiras de expedição à chamada Área X, no entanto — uma antropóloga, uma topógrafa e uma psicóloga — insistem em chamar o que a bióloga vê como uma torre de “túnel”. A despeito da descrição detalhada e com ar de imparcialidade da bióloga, esse incômodo de linguagem, o primeiro de uma série de desconfortos e problemas causados pela linguagem e sua insuficiência durante a narrativa, nos alerta para o fato de que as palavras que estamos lendo na página — as palavras que a bióloga escreve em seu diário de campo — e seus referentes no mundo não possuem uma relação transparente e pacífica.

Assim é nossa primeira visão detalhada da torre:

ali estava ela, cercada por arbustos e semioculta pelo acúmulo de musgo, do lado esquerdo da trilha: uma construção circular de pedra acinzentada que parecia ser uma mistura de cimento e conchas do mar trituradas. Media cerca de vinte metros de diâmetro e se elevava a uns vinte centímetros do solo. Nada estava gravado ou escrito em sua superfície, nada que desse qualquer ideia de sua função ou da identidade de seus construtores. No lado norte, uma abertura retangular na superfície lisa revelava uma escada que descia em espiral rumo à escuridão das profundezas. A entrada estava encoberta por teias de aranha e por destroços arrastados pelas tempestades, mas uma corrente de ar fresco soprava lá de baixo. A princípio fui a única a considerá-la uma torre (VANDERMEER, 2014, p. 10).

O relato preciso e quase científico desse objeto no diário de expedição não garante que saibamos o que ele é, se uma coisa ou outra. Tal incerteza é exacerbada pelo fato de que suas colegas nomeiam repetidas vezes — para o desconforto e protesto da bióloga — aquela mesma coisa de outra forma.

São inúmeros os problemas de nomeação enfrentados pela 13ª expedição à Área X, uma área isolada onde fenômenos estranhos vêm sendo observados nos últimos anos. A expedição, formada por quatro cientistas, havia sido pensada originalmente para ser composta por cinco: a linguista, que, como descobrimos pelas palavras da psicóloga, “decidiu ficar para trás” (VANDERMEER, 2014, p. 14). A bióloga, ao receber a notícia, relata o choque, mas também o alívio das cientistas por não ter sido nenhuma das outras a ter tomado essa decisão: “De todas as especialidades que compunham nosso grupo, a de linguista parecia ser a mais descartável” (VANDERMEER, 2014, p.14)

Na presença de um primeiro desacordo de nomeação e na marcada ausência da ciência da linguagem naquela missão, acompanhamos a expedição em que as mulheres buscam compreender e traçar um relato daquele lugar misterioso, onde criaturas com características estranhas surgem e desaparecem, onde sons indiscerníveis povoam a noite. Os relatos, feitos em seus diários de expedição, têm a ambição de exatidão, da descrição de fenômenos, cada um feito a partir de sua área de especialidade. Esse conhecimento, no entanto, é registrado em palavras, que se tornam cada vez mais insuficientes dada a estranheza daquele lugar, cujos fenômenos resistem o ímpeto domesticador da descrição científica. A incompreensibilidade da Área X, a impossibilidade de descrevê-la com precisão e, assim, dominá-la, se intensifica e se torna horror à medida em que as pesquisadoras descendem cada vez mais nos mistérios daquela torre/túnel, e são envolvidas pela escuridão da própria ignorância.

O horror da incapacidade de domesticação dos fenômenos é tema central deste primeiro livro da trilogia “Comando Sul”. A Área X coloca em xeque as noções de objetividade que permeiam as ordens recebidas pela expedição. Nossa narradora, a bióloga, reconhece de início que o esperado é um acesso direto, livre de vieses, à Área X através de seus diários. No entanto, ela mesma aponta: “Nada que esteja vivo e respire é capaz de objetividade total” (VANDERMEER, 2014, p. 12).

Dessa forma, *Aniquilação*, de Jeff VanderMeer, é constituída por pontos de tensão entre natureza e ciência, entre os fenômenos em si e o acesso a esses fenômenos, sempre mediado pela linguagem. Assim, é informado, como muito da ficção científica, pelas discussões acerca da ciência, do conhecimento e da linguagem, bem como da relação entre o ser humano e um mundo indomável e desconhecido. Em seu caso específico, VanderMeer lida com tais questões a partir de uma tendência que se intersecciona com a ficção científica chamada de “*weird literature*”, que tem um foco importante e especial no horror daquilo que é desconhecido (MORELAND, 2018; CISCO, 2018).

De que forma podemos nos aproximar e deixar-nos permear pelas questões complexas e multifacetadas articuladas no decorrer da narrativa de *Aniquilação*, tendo em vista o caráter experimental da *weird literature* e a natureza interdisciplinar da ficção científica? Considerando que a definição de conhecimento e como as possibilidades de obtenção do conhecimento são preocupações centrais da epistemologia e da filosofia da ciência, acreditamos que, para lançar luz às tensões específicas entre linguagem e conhecimento presentes nesta obra, faz-se necessário pensá-la a partir de uma abordagem interdisciplinar da literatura comparada.

Para elucidarmos de que forma a narrativa trabalha com a insuficiência da linguagem e o horror do desconhecido, discutiremos, neste trabalho, de que forma *Aniquilação* ecoa discussões e conceitos da epistemologia e filosofia da ciência, ilustrando o horror cósmico que acompanha a incapacidade de uma nomeação perfeita. Para isso, utilizaremos o potencial que uma abordagem interdisciplinar da literatura comparada tem de criar pontes entre diferentes áreas do saber para um melhor conhecimento do seu objeto de estudo, o texto literário em sua especificidade, e de sua relação com outros discursos.

No artigo “Comparatismo e interdisciplinaridade”, Tânia Carvalho (2003) relata as formas como o campo de atuação da disciplina de literatura comparada se ampliou desde o seu surgimento, e a maneira como os métodos de historiografia literária deram lugar à exigência de fundamentação teórica no emprego do instrumental crítico que é, muitas vezes, emprestado de outras áreas. Segundo Carvalho (2003), portanto, a literatura comparada hoje é capaz de se mover entre várias áreas, apoiando-se nas diferentes abordagens que são exigidas pelos elementos que ela coloca em relação. Nessa mobilidade, a disciplina da literatura comparada mantém sua natureza mediadora, situando-se no entremeio de diferentes disciplinas e aproximando-as para um melhor entendimento do seu objeto de estudo.

Isso que Carvalho chama de “caminho de interdisciplinaridade” permite dilatar o campo de atuação da literatura comparada para além de pensar fronteiras

linguísticas, incluindo “qualquer estudo de literatura envolvendo pelo menos dois diferentes meios de expressão” (CARVALHAL, 2003, p. 46). Essa definição de literatura comparada comporta estudos não apenas das relações entre diferentes meios artísticos, mas também entre literatura e filosofia, história, ciências, religiões e demais áreas do saber e da cultura. Se antes era necessário ao especialista em literatura comparada o conhecimento de diferentes línguas e culturas para que pudesse executar análises relevantes e significativas, hoje o que Carvalhal denomina “dupla especialização” chama a atenção para a necessidade de que o pesquisador em literatura comparada tenha conhecimento aprofundado nas outras áreas que articula nesse processo de desvelamento do texto literário.

Em suas palavras:

A exigência de uma dupla competência acarreta, sem dúvida, alguns inconvenientes. Antes de tudo, o da dupla especialização, que ocasiona uma dispersão de esforços que seriam concentrados em apenas uma área. Mas tem também suas vantagens: do enriquecimento metodológico, dos contrastes e das analogias que tornam possíveis essas relações, permitindo leituras muito mais esclarecedoras (CARVALHAL, 2003, p. 47).

Vemos que a interdisciplinaridade, portanto, apesar dos desafios envolvidos em um estudo que exige um duplo aprofundamento, abre portas para um entendimento do objeto literário em termos mais diversos, por vezes inesperados, qualificando tal leitura e acrescentando novos ângulos à fortuna crítica acerca de determinada obra ou gênero.

A ficção científica, pensada como um gênero literário caracterizado por hibridismo e pelo encontro entre diferentes gêneros e subgêneros (SEED, 2011), é terreno fértil para essa possibilidade da literatura comparada. A própria nomeação dessa forma de fazer literatura denota sua ligação clara com uma área para além do terreno do literário: as ciências. David Seed (2011) relata que, nas primeiras décadas do Século XX, muitos autores buscaram usar a ficção científica como meio de promover o conhecimento científico. As ciências aplicadas, em específico a questão da tecnologia, sempre estiveram presentes nesse gênero pois “cada inovação tecnológica afeta a estrutura da nossa sociedade e a natureza do nosso

comportamento” (SEED, 2011, p. 1), e, por esse motivo, obras de ficção científica têm sido associadas a visões futuristas do mundo.

No entanto, o traço científico desse tipo de ficção pode ser pensado como muito mais abstrato do que a tradição de “*hard Sci-Fi*” — ou ficção científica “dura”, um tipo de ficção científica que se baseia em acuidade científica e lógica — nos levaria a acreditar. Como Seed (2011) observa: “É útil pensar em uma narrativa de ficção científica como consistindo-se em um *experimento de pensamento* através do qual aspectos da realidade que nos é familiar são transformados ou suspensos” (SEED, 2011, p. 2, grifos meus).

Um experimento de pensamento é um recurso à imaginação presente em diversas áreas do conhecimento e que serve a diferentes propósitos, consistindo-se na investigação de algum fenômeno através de um cenário imaginário. Tal aproximação entre experimento de pensamento e ficção científica é bem-estabelecida na literatura sobre o gênero, e não será nosso foco nesta discussão². O que nos é útil no apontamento de Seed (2011) é a forma como a característica de experimentação mental da ficção científica torna desejável ao pesquisador do gênero que seja capaz de articular os conhecimentos que determinada obra de ficção científica mobiliza de forma a abrir novas portas interpretativas em sua análise. A ficção científica, portanto, ao mesmo tempo em que exige uma literatura comparada interdisciplinar, também dá subsídios para o desenvolvimento dessa interdisciplinaridade no seu interior.

Aniquilação, de Jeff VanderMeer, ao lidar com os limites entre o conhecido e o desconhecido, o ordinário e o extraordinário, bem como com a linguagem que busca mediar essas duas esferas, convida que pensemos sua narrativa em termos que são familiares a uma subárea da filosofia que denominamos de “epistemologia”. Como observam Matthias Steup e Ram Neta (2020), as múltiplas possibilidades de tradução da origem do termo epistemologia — do grego “episteme”, que pode ser traduzido como “conhecimento” ou “compreensão”, e “logos”, que pode ser traduzido como “descrição”, “argumento” ou “razão” — refletem a multiplicidade da própria

² Para aproximações e distanciamentos entre ficção científica e experimentos de pensamento, ver Schneid e Arbo, 2021.

epistemologia enquanto área da filosofia, e diferentes facetas dessa área foram importantes em diferentes momentos da história:

A epistemologia de Platão foi uma tentativa de compreender no que consistia saber, e por que o conhecimento (diferentemente de uma opinião verdadeira) é bom para o sujeito conhecedor. A epistemologia de Locke foi uma tentativa de entender as operações do entendimento humano, a epistemologia de Kant foi uma tentativa de entender as condições de possibilidade do entendimento humano, e a epistemologia de Russell foi uma tentativa de entender como a ciência moderna poderia se justificar a partir do recurso à experiência sensorial (STEUP & NETA, 2020, s/p.).

Portanto, em termos gerais, a epistemologia lida com questões acerca do conhecimento, do que significa conhecer algo, de como saber quando estamos justificados em alegar que conhecemos algo, e das formas de obtenção desse conhecimento — momento em que a epistemologia se intersecciona com a filosofia da ciência. Juntas, a epistemologia e a filosofia da ciência debatem nossas formas de acessar e descrever fenômenos naturais e humanos.

Os valores tradicionais de produção de conhecimento, a saber, 1) adequação empírica, 2) consistência interna e consistência externa, 3) simplicidade, 4) poder explicativo e 5) testabilidade (LONGINO et. al, 2021), sustentam-se sobre a tradicional valorização de virtudes epistêmicas como a objetividade e a racionalidade, através das quais se obtém acesso ao mundo natural de forma a descrevê-lo com acuidade e transparência. A ciência, no decorrer de sua história — e sustentada pela epistemologia e pela filosofia da ciência — tem buscado um acesso racional e imparcial aos seus objetos de análise, uma “visão de lugar nenhum”, como chama Donna Haraway (1988), que garantiria uma ciência acurada o suficiente para produzir uma “teoria de tudo” (LONGINO et. al, 2021).

Nas últimas décadas, as áreas da epistemologia e da filosofia da ciência têm produzido uma diversidade de críticas às concepções positivistas de conhecimento que pressupõem um sujeito conhecedor imparcial e desinteressado. (HARAWAY, 1988, 1991; HARDING, 1992, LONGINO, 2002, ANDERSON, 1995). Esse levante contra uma noção ocidental e moderna de conhecimento e contra concepções ortodoxas de saber, as quais dependem de uma noção moderna de sujeito racional, também obriga a epistemologia a lidar com o fato de que toda a descrição de

mundo, inclusive descrições científicas, é mediada pela linguagem e pelo sujeito produtor daquela linguagem. Quando reconhecemos que a ciência é socialmente construída (LONGINO, 2002), vemos que a recepção e transmissão de informações é menos precisa do que um sonho de uma ciência perfeita propõe.

Uma linguagem perfeita e acurada, uma linguagem racional e livre de viés, como seria o sonho moderno para a ciência ocidental, é, assim, nada mais que isso: um sonho. Nas palavras de Haraway (1991), “todo sonho de uma linguagem perfeitamente verdadeira, ou uma nomeação perfeitamente fiel da experiência, é um sonho totalizante e imperialista” (p. 63). Com isso em mente, é interessante observar que a produção literária, especificamente a produção literária em ficção científica, parece preceder esse levante epistemológico que vemos nos últimos anos, ao investigar as diferentes formas com as quais a humanidade lida com o desconhecido e as diversas maneiras pelas quais essas estratégias falham.

A imaginação investigativa que encontramos em *Aniquilação* faz parte de uma tendência mais antiga da ficção científica que podemos chamar de “*weird fiction*”, ou “ficção estranha”, e que tem como foco central o desconhecido. Embora tenha de fato surgido como um fenômeno literário antes de sua nomeação, a caracterização da *weird fiction* como um subgênero que existe nas intersecções entre ficção científica, fantasia e horror sobrenatural tem sua origem no ensaio de H. P. Lovecraft intitulado “Supernatural Horror in Literature”, de 1927, no qual declara que “a emoção mais antiga e forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e forte é o medo do desconhecido” (MORELAND, 2018, p. 3). Assim, uma história verdadeiramente estranha (*weird tale*) é aquela que cria uma atmosfera e um sentimento de estranhamento alienígena. De acordo com Moreland (2018), Lovecraft atribui o objetivo da experimentação da ficção estranha como sendo o da unidade de efeito como descrito por Edgar Allan Poe em sua *Filosofia da Composição*. No entanto, para Lovecraft, essa unidade de efeito, essa atmosfera, seria a representação estética de um medo também intelectual. O sentimento de agonia e pavor que o terror cósmico lovecraftiano causa é, também, uma forma de pensar (MORELAND, 2018).

Ann e Jeff VanderMeer, em sua introdução à coletânea *The Weird* (2011), descrevem a estranheza dessa literatura, a partir de Lovecraft, da seguinte maneira:

Como escreveu Lovecraft em 1927, o um conto estranho “tem algo mais do que um assassinado secreto, ossos ensanguentados, ou o som de correntes se arrastando.” Ao invés disso, representa a busca por um entendimento do mundo para além do mundano que indefinível e talvez enlouquecedoramente inalcançável — uma “certa atmosfera de pavor inexplicável ou sufocante” ou uma “maligna e particular suspensão ou derrota de (...) leis fixas da natureza” — através de uma ficção que vem de um lado mais desconcertante e sombrio da tradição fantástica (VANDERMEER & VANDERMEER, 2011, p. xv).

Dessa forma, podemos ver que a *weird fiction* pensa a natureza e o conhecimento de uma forma bastante distinta do que conhecemos como “*hard sci-fi*”. Ao invés de reproduzir o que se sabe sobre tecnologia e sobre as leis da natureza, construindo suas bases no conhecido para que possa expandir sobre esse conhecido e pensá-lo através do estranhamento, a “ficção estranha” trabalha com o desconhecimento, com o horror daquilo que nos é desconhecido, com o rompimento das leis da natureza de formas inexplicáveis pelas ferramentas que temos ao nosso alcance.

Michael Cisco (2018) argumenta que o bizarro é um elemento importante para o efeito de estranhamento da *weird fiction*. Para ele, o bizarro tem dois aspectos: o confrontacional e o caótico. O primeiro se manifesta na narrativa estranha como sendo “contra-ordinária”, ou o oposto do que é ordinário para o leitor. O confronto com o bizarro traz um efeito de maravilhamento para o leitor, que leva, segundo Cisco (2018), a um estado de contemplação. O segundo aspecto da ficção estranha, o caos, soma-se ao maravilhamento causado pelo confronto para um efeito verdadeiramente epistemológico: uma epistemologia bizarra. Cisco (2018) se utiliza do pensamento do filósofo francês Henri Bergson para explorar o efeito do caos na *weird fiction*:

Henri Bergson escreveu que o caos não existe na natureza; não pode haver um evento natural, incluindo eventos criados pelo homem, que desvie da ordem da natureza. Quando falamos do caos, de acordo com Bergson, nós nos referimos não à ausência da ordem, mas à ausência da ordem que desejamos, e à presença de outra ordem, uma ordem indesejada. O bizarro que nos confronta tem algo desse aspecto; ele propõe que o que parece bizarro não é a ausência do ordinário, mas a presença de uma ordinariedade rival (CISCO, 2018, p.196).

O choque e o pavor de uma narrativa de *weird fiction* são, portanto, representações de um medo epistemológico, e surgem do fato de que o caos não é uma negação do ordinário, mas um ordinário de outra natureza, e essa natureza nos é opaca, incompreensível, inominável. O que podemos ver aqui com essa concepção de *weird fiction* é que o horror não vem da existência de um sobrenatural ou um totalmente outro, mas sim da “ideia de que nada fora da natureza impede a própria natureza de mudar fundamentalmente” (CISCO, 2018, p. 198), e para além da nossa compreensão.

É este o caráter filosófico da *weird fiction*: quando o bizarro surge não como uma negação daquilo que é ordinário ou comum, mas torna as linhas entre o ordinário e o bizarro menos discerníveis. Em suas palavras, “é isso que torna a *weird fiction* filosófica; ela tem implicações para o leitor assim como para os personagens, já que os eventos bizarros da narrativa refletem a falta de garantia, dentro e fora da história, do ordinário.” (CISCO, 2018, p. 197). O mundano e sua permanência não estão garantidos, e tudo é passível de mudança a níveis incompreensíveis.

Cisco (2018) alerta para o fato de que uma narrativa ser filosófica não é o mesmo que ser *filosofia*. Para ele, é necessário equilíbrio e cautela ao olhar para a literatura com um ponto de vista filosófico, pois “ideias filosóficas vão afetar a estética da *weird fiction*, enquanto (...) a *weird fiction* vai apontar para certas ideias filosóficas, talvez em antecipação ao seu desenvolvimento histórico na filosofia propriamente dita” (p. 191), mas uma experiência estética ainda é uma experiência estética, e interage com a filosofia, bem como se utiliza dela, a seu próprio modo. Assim, o que chamamos aqui de uma epistemologia bizarra só é possível através da experiência estética, pois não se constitui em um argumento, mas sim em um efeito: o efeito de maravilhamento que leva à contemplação, e não à conclusão.

É a partir disso que se torna não apenas desejável, mas frutífero, que se reconheça as fronteiras entre uma área e outra, mesmo que ao modo da epistemologia bizarra da *weird fiction*: de forma contingente, dependente da nossa capacidade (e incapacidade) de delinear e concordar sobre elas. Nesse sentido, a interdisciplinaridade é aspecto essencial para a compreensão dos elementos



articulados por VanderMeer em *Aniquilação*, considerando que a interdisciplinaridade, como descrita por Julie Thompson Klein (2017), é uma abordagem epistemológica que possibilita “criar enquadramentos conceituais para analisar problemas específicos, integrar proposições através de disciplinas, e sintetizar continuidades entre modelos e analogias” (KLEIN, 2017, p. 25).

Consideramos que existe uma continuidade entre os modelos estabelecidos pela epistemologia como campo da filosofia e que são desestabilizados por *Aniquilação* através do recurso ao horror e ao bizarro. Nesse sentido, a *weird fiction* de VanderMeer se torna terreno fecundo para a potência interdisciplinar da literatura comparada ao concebermos a literatura comparada como “um procedimento, uma maneira específica de interrogar os textos literários não como sistemas fechados em si mesmos, mas em sua interação com outros textos, literários ou não” (CARVALHAL, 2003, p. 48).

Com as considerações feitas até agora em mente, passaremos a ganhar território sobre o desconhecido, guiados pela nossa narradora-personagem, que descreve sua missão da seguinte forma:

Tudo que se esperava de nós era que fizéssemos relatos, como este, em uma espécie de diário, como este: leve, mas quase indestrutível, feito com papel impermeável, capa flexível em preto e branco, pautas azuis e uma linha vertical vermelha à esquerda, assinalando a margem. Esses diários deveriam retornar conosco, ou então ser resgatados pela próxima expedição. Recebemos instruções para proporcionar o máximo possível de contexto, de modo que alguém totalmente desinformado sobre a Área X pudesse entender nossos relatórios. Também fomos instruídas a não compartilhar com as demais o que escrevíamos nos diários; o excesso de informação compartilhada poderia distorcer nossas observações, ou pelo menos era o que acreditavam nossos superiores. Mas eu sabia por experiência própria o quanto era vã essa tentativa, esse esforço para eliminar conceitos preconcebidos. Nada que esteja vivo e respire é capaz de objetividade total — nem mesmo no vácuo, nem mesmo se tudo que aquela mente possuir for uma ânsia pela verdade capaz de qualquer sacrifício (VANDERMEER, p. 11-12).

A missão da bióloga, portanto, é uma missão científica no sentido mais básico da palavra: é uma missão para adquirir conhecimento sobre a Área X. Sendo assim, é uma missão de descrição, tradução e apreensão daquele mundo natural em cada detalhe. As instruções de seus superiores reforçam a divisão moderna entre o sujeito conhecedor e o objeto que esse sujeito busca conhecer, bem como a

separação entre esse sujeito cognoscente e a sociedade, a qual supostamente influenciaria os resultados dessa descrição com “conceitos pré-concebidos”.

Vemos, portanto, que há um método nessa expedição à Área X, e esse método visa valores epistêmicos tradicionais como adequação empírica, poder explicativo e testabilidade.

Naquela noite conversamos sobre a torre, embora as outras três insistissem em considerá-la um túnel. A responsabilidade pelo direcionamento da nossa investigação residia em cada uma de nós, com a autoridade da psicóloga traçando um círculo mais amplo em torno dessas decisões individuais. Parte do embasamento teórico por trás do envio da expedição consistia em dar a cada membro alguma autonomia, o que ajudava a aumentar “a possibilidade de variações significativas (VANDERMEER, 2014, p. 17).

O constante desacordo entre as cientistas sobre a nomeação da torre/túnel é apenas o vislumbre de desacordos mais profundos, os quais elas não têm liberdade de partilhar, mas que aparecem também nos objetos que julgam dignos de interesse para suas descrições e na prioridade de suas investigações. Como vemos:

A discussão sobre a torre era, de certo modo, nossa primeira oportunidade para testar os nossos limites quanto a discordâncias e conciliações.
— Não acho que devemos nos focar no túnel — disse a antropóloga. — Primeiro devemos explorar mais adiante, e depois retornar com os dados colhidos nessas investigações, inclusive no farol.
Era previsível, e até talvez previdente, que a antropóloga tentasse propor uma opção mais segura, mais confortável. (...)
Então a topógrafa falou:
— No presente caso, acho que devemos verificar o túnel e descartar a possibilidade de que seja algo invasivo ou ameaçador. Antes de explorarmos mais longe. Senão, seria como deixarmos um inimigo às nossas costas enquanto avançamos. (...)
— Estou impaciente para explorar os habitats daqui — disse. — Mas, pensando bem, visto que não aparece em nenhum mapa, o “túnel”... ou torre... me parece importante. Ou se trata de uma exclusão deliberada dos nossos mapas e, portanto, é algo conhecido... e nesse caso seria uma espécie de mensagem... ou é algo novo que não estava aqui quando a última expedição chegou (VANDERMEER, 2014, p. 17-18).

As cientistas discutem no acampamento as diversas formas de abordar aquele território, como Cisco (2018) diz ser do hábito de cientistas e padres, de forma a “tentar reabilitar trechos do desconhecido tornando-o conhecido” (p. 202). No entanto, não existe uma só forma de descrever a Área X — que aparece em *Aniquilação* como a grande incógnita, como o desconhecido mais amplo — e a



torre/túnel em específico. Ao mesmo tempo, o processo de descrição em si não é inocente e desinteressado.

Aqui se torna interessante nos atentarmos à descrição de Cisco (2018) daqueles que lidam com o desconhecido de forma a resolvê-lo:

Eles amam o desconhecido da mesma forma que um cartógrafo ama territórios não explorados; em outras palavras, ele representa um domínio sobre o qual seus poderes podem permitir a expansão do lucro. Essa ideia do desconhecido o coloca em contradição com o conhecimento; o conhecimento, então, busca negar o desconhecido e ganhar território (p. 202).

A incursão ao desconhecido de forma a resolvê-lo e torná-lo conhecido é, portanto, um processo de dominação e de discursos em competição. Nesse processo, como Longino (2018) observa, não será a descrição mais acurada, feita de forma imparcial com a aplicação dos métodos vigentes para a melhor descrição possível que irá ser aceita como a verdade científica, mas “cientistas usam quaisquer meios necessários – negociam, pegam emprestado, fazem permutas e roubam – para que suas interpretações sejam aceitas” (p. 11).

A narrativa de *Aniquilação* se inicia, portanto, estabelecendo um estado das coisas familiar aos epistemólogos e filósofos da ciência: alegações de objetividade na qual tal objetividade é constantemente minada, descrições de um sujeito cognoscente com acesso direto àquilo que observa, mas que, na verdade, acessa seu objeto através de vieses que são sociais e humanos, afinal “Nada que esteja vivo e respire é capaz de objetividade total” (VANDERMEER, 2014, p. 11). Esses paralelos diretos, ecos de preocupações filosóficas e epistemológicas na apresentação dessa história, são estabelecidos de formas claras para então serem, também, minados na medida em que a narrativa se torna mais bizarra. Os paralelos se tornam, assim, mais irreconhecíveis, criando uma epistemologia possível apenas através da experimentação aberta que é a *weird fiction*. A incógnita da torre/túnel, significativa da incógnita maior que é a Área X, é, aos poucos, explorada pelas cientistas sem que, no entanto, seja revelada por elas. A bióloga avança no território desconhecido, mas o desenho do seu mapa não se torna mais claro, como seria o esperado. Elas avançam sem dominar, experienciam sem conhecer. A empiria não



se torna conhecimento, pois aquilo que é experienciado resiste à tradução descritiva da ciência. O desconhecido, aqui, é impenetrável: não é passível de dominação.

No interior da torre/túnel, as cientistas descobrem que suas paredes são cobertas de frases escritas em letra cursiva, em uma língua que elas são capazes de entender, em um conjunto de palavras aparentemente coerente, mas que não faz sentido algum:

— De onde jaz o fruto asfixiante que veio da mão do pecador eu trarei as sementes dos mortos para partilhar com os vermes que...
O resto sumia na escuridão.
— Palavras? Palavras? — perguntou a antropóloga.
Sim, palavras.
— São feitas do quê? — perguntou a topógrafa.
Elas precisavam ser feitas de alguma coisa?
A luz projetada no restante da frase tremia e oscilava. *De onde jaz o fruto asfixiante* banhava-se em luz e sombra, como se ambas travassem uma batalha pelo seu significado (VANDERMEER, 2014, p. 30-31).

O questionamento parece estranho à bióloga: de que são feitas as palavras? Precisam ser feitas de alguma coisa? Parecem, por um momento, ecoar questionamentos mais abstratos: qual a matéria e a materialidade das palavras? O que garante sua relação com determinado referente? No entanto, as palavras na parede da torre/túnel são feitas de algo; possuem uma substância: são formadas por milhares de organismos com aparência de fungos, no formato de mão.

Como aponta a bióloga, “seu sentido ia e voltava, de modo que tentar acompanhar o significado das palavras era enveredar por um caminho sem volta” (VANDERMEER, 2014, p. 55). As palavras encontradas nas paredes da torre/túnel formam sentenças impenetráveis, no entanto, penetram na bióloga, infectando-a com esporos quando ela se aproxima demasiado das palavras na parede. Essa infecção altera sua consciência, sua percepção, concedendo-a o que ela chama de “brilho”, um sentimento inexplicável de estar mais atenta a tudo o que a cerca.

O brilho que infectara meus sentidos estava se espalhando pelo meu peito; não tenho outra forma de descrever o que sentia. Dentro de mim havia um brilho, uma espécie de formigamento de energia e de expectativa que combatia minha sonolência (VANDERMEER, 2014, p. 60).

O ímpeto de dominação científica da expedição se volta, em *Aniquilação*, contra suas personagens, e o território sobre o qual buscam ganhar espaço e poder

acaba por atravessar suas linhas como sujeitos racionais bem-delimitados, povoando-as da mesma forma que a narrativa povoa o leitor. A descrição de Cisco (2018) sobre a experiência da leitura de uma história bizarra descreve bem o efeito de contaminação pelas palavras impressas no papel em tinta como as impressas nas paredes da torre/túnel por fungos:

Ler uma história bizarra é uma experiência bizarra, não apenas a descrição de uma experiência bizarra. Essa experiência mostra ao leitor não apenas que as limitações colocadas na literatura ordinária (...) não pertencem à literatura em si, mas a leitores e escritores provincianos. A experiência bizarra re-encanta o mundo para o leitor, mesmo que de forma sinistra, para mostrar que o mundo é um conceito delineado em concordância com necessidades generalizadas e contextos sociais. Para aqueles que ousam ir além dessas limitações, há uma possibilidade assustadora, mas também revigorante, da experiência infinita (CISCO, 2018, p. 192-193).

Dessa forma, o bizarro rejeita uma epistemologia ordinária que garante os limites descritíveis da experiência — representados pelos valores epistêmicos que guiam muito da produção científica e que entram em crise quando confrontados com a vastidão da experiência humana.

Ao acompanharmos a descida das pesquisadoras pelas escadas da torre/túnel, a contaminação da Área X sobre elas e a frustração de suas tentativas de compreendê-la, e sendo confrontadas com monstruosidades que são incapazes de descrever, vemos ser construído aos poucos no decorrer de *Aniquilação* um rompimento radical com o ordinário e com os limites naturais da experiência. Esse rompimento acontece gradualmente, na medida em que a bióloga formula suas “perguntas de pesquisa” sobre as palavras na torre, sobre a natureza da torre, e sobre a criatura que descobrem residir lá, na ilusão de que será capaz de respondê-las.

Qual era o papel do Rastejador? (Decidi que era importante atribuir um nome ao criador de palavras.) Qual o propósito da “recitação” física das palavras? Seu significado tinha alguma importância ou quaisquer palavras teriam o mesmo efeito? De onde vinham aquelas frases? Qual era a relação entre as palavras e a torre-criatura? Colocando a questão de outra maneira: seriam as palavras uma forma de comunicação parasítica ou simbiótica entre o Rastejador e a Torre? Ou talvez o Rastejador fosse um emissário da Torre, ou uma forma de vida independente que só depois entrou em contato com ela (VANDERMEER, 2014, p. 103).

No seu caminho descendente pelas escadas circulares da torre, impressões difusas sobre as descobertas da bióloga vão sendo formadas. No entanto, elas não são conclusivas, ainda que a narradora esteja constantemente tentando aplicar seu instrumental teórico aos acontecimentos da Área X. Assim, ao modo da *weird fiction* como descrita por Cisco (2018), “as dicas e revelações nunca formam uma figura completa, e isso é proposital” (p. 200). O suspense, na *weird fiction*, é e só pode ser cumulativo para que tenha seu efeito de horror e maravilhamento sobre o seu leitor, que é seu objetivo principal. Segundo Cisco (2018): “é por isso que o conto estranho deve dar pistas, e em ordem cuidadosa, de forma a manter o leitor próximo a algo que não pode ser nomeado” (p. 200).

Quando a bióloga finalmente confronta o monstro que denominou, por necessidade de dominação, de Rastejador, os limites de seu instrumental são finalmente escancarados, e, para ela, “é difícil dizer quais lacunas minha mente está preenchendo só para remover o peso de tantas coisas desconhecidas” (p. 198). Sua descrição do monstro é a seguinte:

Enquanto eu me acostumava àquela claridade, o Rastejador mudava de forma com a velocidade da luz, como se zombando da minha capacidade de compreendê-lo. Era uma imagem por trás de uma série de lâminas de vidro refrator. Eram várias camadas em forma de arcada. Era um imenso monstro em forma de lesma orbitado por criaturas ainda mais bizarras. Era uma estrela cintilante. Meus olhos ficavam a todo instante desviando dele, como se um nervo óptico não fosse suficiente.

Então ele se tornou uma indescritível enormidade em minha visão maltratada, parecendo erguer-se mais e mais enquanto se aproximava de mim. Sua forma se expandiu até que ocupou mesmo os lugares onde não estava, ou onde não deveria estar. Parecia agora uma espécie de obstáculo, ou muralha, ou uma pesada porta cerrada bloqueando a escada. Não uma muralha de luz — dourada, azul, verde, existindo em outro tipo de espectro —, mas uma muralha de carne que parecia luz, com elementos nítidos e recurvos em seu interior e texturas como as do gelo formado em água corrente. E a impressão de seres vivos flutuando preguiçosamente no ar à minha volta, como pequenos girinos, mas nos limites da minha visão, de modo que eu não podia saber se era algo semelhante àqueles pontos flutuantes que são ilusões de ótica, que na verdade não existem (VANDERMEER, 2014, p. 200).

Tal o efeito do bizarro em *Aniquilação*, construído aos poucos, passo a passo, degrau a degrau. O confronto com o monstro não assimila o desconhecido na ordem conhecida, mas sim revela a existência do caos: uma outra ordem, a ordem indesejada por ser alienígena e inassimilável. Temos, então, o tipo de medo mais

antigo: “O que fazer quando os cinco sentidos que temos não bastam? Porque a verdade é que eu não podia ver aquilo de verdade (...) e era isso o que mais me amedrontava” (VANDERMEER, 2014, p. 201).

O choque epistemológico de *Aniquilação* surge nesse momento em que o sujeito cognoscente é confrontado por algo que não consegue compreender, que está além dos seus limites: o epistemologicamente bizarro. Esse choque tem um efeito epistemológico não por carregar uma proposição, um argumento, um objetivo; este seria o papel da filosofia. Ele está na desestabilização das fronteiras entre o conhecido e o desconhecido, e na implicação mais abrangente de que nada impede que aquilo que consideramos dominar com nossas ferramentas metodológicas mude radicalmente, ou que um dia seja descoberto que nunca o dominamos de fato. Como descreve Cisco (2018): “O desconhecido como desconhecido é pura experiência, e a *weird fiction* quer que lembremos que a experiência pura, o desconhecido, persiste como condição do conhecimento e não é negada por ele” (p. 202).

O encontro com a experiência pura proporcionada ao leitor através da mente de nossa narradora – e dos limites dessa mente, que também são os limites da nossa – é em igual medida aterrorizante e bela. *Aniquilação*, enquanto experimento de pensamento propriamente literário, é filosófico na medida em que tem consequências para além daquilo que está sendo relatado, e, ao mesmo tempo, faz epistemologia – uma epistemologia bizarra – de uma forma que apenas uma experiência estética é capaz de fazer. Ao unirmos filosofia e literatura através da literatura comparada como prática de mediação desses discursos, esperamos ter conseguido demonstrar a potencialidade desse efeito epistemológico: o de desestabilizar o sujeito racional através da experiência do bizarro, e infectar-nos com a dúvida, com a incerteza, e com a sensação de que, embora a estabilidade do ordinário nos dê a ilusão de controle sobre o mundo natural, existe muito que a nossa linguagem é incapaz de compreender. Aí está a beleza da epistemologia bizarra de *Aniquilação*: “Quando passamos a ver beleza na desolação, algo muda dentro de nós. A desolação tenta nos colonizar” (VANDERMEER, 2014, p. 9).

Referências:

ANDERSON, E. **Feminist Epistemology**: An Interpretation and a Defense. *Hypatia*, v. 10, n. 3, p. 50–84, 1995.

CARVALHAL, T. F. Comparatismo e interdisciplinaridade. In: _____. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada.

CISCO, M. Bizarre Epistemology, Bizarre Subject: A Definition of Weird Fiction. In: MORELAND, Sean (Ed). **New directions in supernatural horror literature**: the critical legacy of H.P. Lovecraft. 1st edn. New York, NY: Springer Science+Business Media, 2018.

HARAWAY, D. **Situated Knowledges**: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988.

HARAWAY, D. A Cyborg Manifesto. In: HARAWAY, D. **Simians, Cyborgs and Women**: The Reinvention of Nature. New York; Routledge, p. 149-181, 1991.

HARDING, S. **Rethinking standpoint epistemology**: what is strong objectivity? *The Centennial Review*, v. 36, n. 3, p. 437–470, 1992

KLEIN, J. T., *Typologies of Interdisciplinarity: The Boundary Work of*

Definition. In: FRODEMAN, Robert; KLEIN, Julie Thompson; PACHECO, Roberto C. S. (Orgs.), **The Oxford handbook of interdisciplinarity**. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2017.

LONGINO, H. E. **The fate of knowledge**. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2002.

LONGINO, H.; HADDAD, Y. L.; ARBO, J. B.; et al. **Filosofia da ciência e epistemologias feministas**: entrevista com Helen Longino. *Em Construção*, n. 10, 2021. Disponível em:
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/62842>>.
Acesso em: 7 fev. 2022.

MORELAND, S. Introduction: The Critical (After)Life of Supernatural Horror in Literature. In: _____. (Ed.) **New directions in supernatural horror literature**: the critical legacy of H.P. Lovecraft. 1st edn. New York, NY: Springer Science+Business Media, 2018.

SEED, D. **Science fiction**: a very short introduction. Oxford University Press, 2011.

SCHNEID, B.; ARBO, J. B. **A mão esquerda da escuridão, de Ursula K. Le Guin, como experimento de pensamento:** uma investigação do fazer literário como fazer filosófico. Griot: Revista de Filosofia, v. 21, n. 3, p. 99–111, 2021.

STEUP, M.; NETA, R. Epistemology. In: ZALTA, Edward N. (Org.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**; Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2020. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/epistemology/>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

VANDERMEER, A.; VANDERMEER, J. (Orgs.). **The weird:** a compendium of strange and dark stories. 1st U.S. ed. New York: Tor Books, 2012.

VANDERMEER, J. **Aniquilação.** Trad. Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.